A Canção de Amor de Eliot

Lawrence Flores Pereira

A *Canção de Amor de J. Alfred Prufrock* é o primeiro poema de T.S. Eliot editado. É de 1917. Precede *Gerontion*, pressagia a urbe babilônica de *Waste Land* e prognostica o esvaziamento imagético de *The Hollow Men*. É o início de uma viagem medonha e auto-flagelatória, em que um personagem presuntivo e descosido vai paulatinamente desfiando-se, enredado cada vez mais nas artérias labirínticas de uma consciência culpada e impotente. A *promenade* de Alfred Prufrock não será senão o primeiro passo rumo ao estilhamento de *Waste Land*. Aqui já estão os saltos elípticos bruscos, a cidade-infernal irreal, os hotéis baratos, o *fog* denso e um certo desconforto angustiante, espécie de fantasma invisível a perturbar os estéreis habitantes da hedionda cidade. Chamar este poema de "canção de amor" é uma nomeação cujo valor reside unicamente na ironia implicada, já que nunca um personagem foi tão vacilante e impotente diante do amor. O que não impede, todavia, de considerá-lo uma "canção", pelo menos no que toca à musicalidade repetitiva, de ondulantes e oscilantes refrões e de rimas velares escrupulosamente selecionadas. E é precisamente graças a este hibridismo dissonante entre uma forma tradicionalmente empregada em salutareos poemas de amor e um conteúdo lúgubre e auto-irônico à Corbiere que, por paradoxo assustador, o poema instila no leitor um mal-estar semelhante ao provocado pela ingestão de alimentos incompatíveis.

A tradução abaixo resulta desta constatação. Em outras palavras, para ser fiel à informação estética obriguei-me a alguns poucos deslocamentos, que o leitor compreenderá ao levar em conta a ensablagem geral da tradução. É, no dizer em voga, uma tradução "recriativa". Tentou-se evitar, contudo, a obliteração do gigantesco conteúdo remissivo, hiper-significante, que faz da poesia de T.S.Eliot um intrincadíssimo arabesco, onde as figuras arcaicas subitamente emergem como almas penadas da *Divina Comédia*. Assim, por exemplo, "Haverá tempo, haverá tempo" (*There will be time...*), motivo monotonamente repetido em Alfred Prufrock, é uma disfunção irônica e comicamente mórbida do tempo bem ordenado da terceira parte de *Ecclesiastes*. A rima, o ritmo, a melodia, enfim, todos detalhes que configuram a prosódia deste poema, não são de modo algum meros berloques: derivam da intenção estudadíssima do autor. De modo que ao traduzi-los descartei o abastardamento da linguagem e busquei paralelismos sonoros em nossa língua materna. Não sendo um poema metrificado (ao menos no sentido clássico do termo), não quis espelhá-lo quantitativamente, mas qualitativamente, o que vale dizer que fiz reger a tradução segundo o movimento *emotivo* — portanto também estético — do original.

THE LOVE SONG OF J. ALFRED PRUFROCK¹

S'io credessi che mia risposta fosse
a persona che mai tornasse al mondo,
questa fiamma staria senza più scosse.
Ma per ciò che giammai di questo fondo
non tornó vivo alcun, s'i'odo il vero,
senza tema d'infamia ti rispondo.

Let us go then, you and I,
When the evening is spread out against the sky
Like a patient etherised upon a table;
Let us go, through certain half-deserted streets,
The muttering retreats
Of restless nights in one-night cheap hotels
And sawdust restaurants with oyster-shells:
Streets that follow like a tedious argument
Of insidious intent
To lead you to an overwhelming question...
Oh, do not ask, 'What is it?'
Let us go and make our visit.

In the room the women come and go
Talking of Michelangelo.

The yellow fog that rubs its back upon the window-panes,
The yellow smoke that rubs its muzzle on the window-panes,
Licked its tongue into the corners of the evening,
Lingered upon the pools that stand in drains,
Let fall upon its back the soot that falls from chimneys,
Slipped by the terrace, made a sudden leap,
And seeing that it was a soft October night,
Curled once about the house, and fell asleep.

And indeed there will be time
For the yellow smoke that slides along the street
Rubbing its back upon the window-panes;
There will be time, there will be time
To prepare a face to meet the faces that you meet;
There will be time to murder and create,

¹ ELIOT, T.S. The love song of J. Alfred Prufrock. In: ____ *Collected poems*. London, Faber and Faber, 1990.

CANÇÃO DE AMOR DE J. ALFRED PRUFROCK²

S'io credessi che mia risposta fosse
a persona che mai tornasse al mondo,
questa fiamma staria senza piu scosse.
Ma per ciò che giammai di questo fondo
non tornó vivo alcun, s'i' odo il vero,
senza tema d'infamia ti rispondo.

Vamos, então, você e eu,
Quando a noite se esparrama contra o céu
Como um paciente anestesiado sobre a mesa;
Vamos por estas ruas quase solitárias,
Por refúgios sussurrantes
De noites de insônia no reles hotel diário
E vendo conchas dispersas nos sujos restaurantes.
Ruas que seguem como um tedioso argumento
De insidioso intento
Para levá-lo a uma questão crucial...
Oh, não pergunte "Que é que há?"
Façamos nossa visita já.

Na sala um vai-e-vem que range —
Mulheres comentam Miguelângelo.

A névoa amarela que esfrega o dorso nas janelas,
O fumo amarelo que esfrega o focinho nas janelas,
Deslizou nas esquinas em lambidelas,
Deteve-se por um tempo sobre as poças no asfalto,
Deixou cair nas costas a fuligem das lareiras,
Alteou-se até o terraço, deu um súbito salto,
E ao notar que era uma doce noite de outubro,
Curvou-se pela casa e adormeceu na soleira.

E, é verdade, haverá tempo
Para o fumo que resvala nas calçadas
Esfregando o próprio dorso nas vidraças;
Haverá tempo, haverá tempo,
Pra ter uma cara pronta pra acenar pras velhas caras;
Haverá tempo para assassinio e criação,

² Tradução: Lawrence Flores Pereira.

And time for all the works and days of hands
That lift and drop a question on your plate;
Time for you and time for me,
And time yet for a hundred indecisions,
And for a hundred visions and revisions,
Before the taking of a toast and tea.

In the room the women come and go
Talking of Michelangelo.

And indeed there will be time
To wonder, 'Do I dare?' and, 'Do I dare?'
Time to turn back and descend the stair,
With a bald spot in the middle of my hair —
(They will say: 'How his hair is growing thin!')
My morning coat, my collar mounting firmly to the chin,
My necktie rich and modest, but asserted by a simple pin —
(They will say: 'But how his arms and legs are thin!')
Do I dare
Disturb the universe?
In a minute there is time
For decisions and revisions which a minute will reverse.

For I have known them all already, known them all —
Have known the evenings, mornings, afternoons,
I have measured out my life with coffee spoons;
I know the voices dying with a dying fall
Beneath the music from a farther room.
So how should I presume?

And I have known the eyes already, known them all —
The eyes that fix you in a formulated phrase,
And when I am formulated, sprawling on a pin,
When I am pinned and wriggling on the wall,
Then how should I begin
To spit out all the butt-ends of my days and ways?
And how should I presume?

And I have known the arms already, known them all —
Arms that are braceleted and white and bare
(But in the lamplight, downed with light brown hair!)
Is it perfume from a dress
That makes me so digress?
Arms that lie along a table, or wrap about a shawl.

Para todos os trabalhos e os dias de mãos
Que elevam e pingam uma questão no prato;
Tempo para você e tempo para mim,
E ainda, tempo para mil indecisões,
E para mil visões e revisões,
Antes de vir o chá e seus afins.

Na sala um vai-e-vem que range —
Mulheres comentam Miguelângelo.

E, é verdade, haverá tempo
Para indagar: "Será que me atrevo?"
Tempo pra recuar na escada, depois descê-la
Com um chuveiro de calvície nos cabelos —
(Dirão: "Mas, viste que ralo o cabelo dele?")
Minha gola escalando rente até o queixo, meu matinal colete,
Minha gravata rica e modesta, mas presa com simples alfinete
(Dirão: "Aqueles pernas - mais parecem dois filetes!!")
Atrevo-me
A transtornar o mundo?
Em um minuto há tempo
Pra decisões e revisões que em um minuto mudam.

Pois já conheço todos, todos em geral —
Conheço noites, tardes e alvoradas,
Tenho medido minha vida a colheradas;
Sei das vozes que morrem com a morte outonal
Sob a música de uma sala afastada
Então, como poderia arriscar?

E eu já conheço os olhos, todos em geral —
Os olhos que nos fixam numa frase formulada,
E quando estou formulado, premido no alfinete,
Assim que alfinetado, contorcendo-me no mural,
Como começar a
Cuspir o ranço dos meus dias, minhas trilhas?
De que forma me arriscar?

E eu já conheço os braços, todos em geral —
Os braços com pulseira, nós e claros
(Mas com pêlo acastanhado ao luminário)
Será o perfume de um vestido
Que me faz assim tão pensativo?
Braços que jazem sobre a mesa ou envoltos sob um xale.

And should I then presume?
And how should I begin?

Shall I say, I have gone at dusk through narrow streets
And watched the smoke that rises from the pipes
Of lonely men in shirt-sleeves, leaning out of windows?...

I should have been a pair of ragged claws
Scuttling across the floors of silent seas.

And the afternoon, the evening, sleeps so peacefully!
Smoothed by long fingers,
Asleep... tired... or it malingers,
Stretched on the floor, here beside you and me.
Should I, after tea and cakes and ices,
Have the strength to force the moment to its crisis?
But though I have wept and fasted, wept and prayed,
Though I have seen my head (grown slightly bald)
brought in upon a platter,
I am no prophet — and here's no great matter;
I have seen the moment of my greatness flicker,
And I have seen the eternal Footman hold my coat, and
snicker,
And in short, I was afraid.

And would it have been worth it, after all,
After the cups, the marmalade, the tea,
Among the porcelain, among some talk of you and me,
Would it have been worth while,
To have bitten off the matter with a smile,
To have squeezed the universe into a ball
To roll it towards some overwhelming question,
To say: 'I am Lazarus, come from the dead,
Come back to tell you all, I shall tell you all' —
If one, settling a pillow by her head,
Should say: 'That is not what I meant at all.
That is not it, at all.'

And would it have been worth it, after all,
Would it have been worth while,

Deveria me arriscar?
De que forma começar?

Será que digo que andei no crepúsculo por vielas
E vi o fumo que foge dos cachimbos
De homens solitários que se apóiam nas janelas?

Eu podia ser um par de presas estraçalhadas
Em fuga sobre o chão de mares silenciosos.

E o entardecer, a noite, dorme calmamente!
Amaciado por dedos finos,
Dormente... exausto... ou finge doente
No chão disperso, em meio a gente.
Deveria, depois do chá, dos bolos e sorvetes,
Ter alento pra forçar à crise este momento?
Embora tenha visto minha cabeça (ligeiramente calva)
Servida sobre um prato,
Não sou nenhum profeta, isto nem vale um fato;
Vi os meus tempos de grandeza declinar,
Vi o meu eterno laçao levar meu casaco, e casquinar
E, afinal, eu tive medo.

E valeria a pena, afinal,
Depois do chá, das xícaras e da geléia,
Em meio à porcelana e qualquer troca de idéias.
Teria valido a pena
Ter mordido com um sorriso o tema?
Espremido o mundo à forma oval,
Depois rolá-lo a uma questão crucial?
Dizer: "Sou Lázaro, vindo das avessas,
De volta pra dizer-te tudo, de tudo em geral..."
Se alguém, a acomodar a almofada na cabeça,
Declarasse: "Não era bem esta a questão central —
Não era nada disso, afinal."

E valeria a pena, ao final,
Teria valido a pena,

After the sunsets and the dooryards and the sprinkled
streets,
After the novels, after the teacups, after the skirts that
trail along the floor —
And this, and so much more? —
It is impossible to say just what I mean!

But as if a magic lantern threw the nerves in patterns on a
screen:
Would it have been worth while
If one, settling a pillow or throwing off a shawl,
And turning toward the window, should say:
"That is not it at all,
That is not what I meant at all."

No! I am not Prince Hamlet, nor was meant to be;
Am an attendant lord, one that will do
To swell a progress, start a scene or two,
Advise the prince; no doubt, an easy tool,
Deferential, glad to be of use,
Politick, cautious, and meticulous;
Full of high sentence, but a bit obtuse;
At times, indeed, almost ridiculous —
Almost, at times, the Fool.

I grow old... I grow old...
I shall wear the bottoms of my trousers rolled.

Shall I part my hair behind? Do I dare eat a peach?
I shall wear white flannel trousers, and walk upon the beach
I have heard the mermaids singing, each to each.

I do not think that they will sing to me.

I have seen them riding seaward on the waves
Combing the white hair of the waves blown back
When the wind blows the water white and black.

We have lingered in the chambers of the sea
By sea-girls wreathed with seaweed red and brown
Till human voices wake us, and we drown.

Após o poente, os pátios e as ruas salpicadas,
Após saraus e taças e o fru-fru das saias do assoalho,
E isso e quanto mais?
É impossível dar forma às minhas idéias!
Como uma lanterna mágica a lançar a linha dos nervos sobre a
tela:

E valeria a pena,
Se alguém, a acomodar a almofada, afastando o xale,
Disse ao volta-se pra janela:
"Não era nada disso, afinal.
Não era bem essa a questão central..."

Não! Eu não sou Príncipe Hamlet, nem queria sê-lo
Sou um lord auxiliar, um que tudo acentua
Para inflar um certo avanço, iniciar uma cena ou duas,
Ponderar com o Príncipe; fazer-lhe os protocolos,
Respeitoso, feliz de estar em uso,
Cauteloso, político, meticuloso;
Todo prosa grave, mas um tanto obtuso;
Realmente, às vezes, quase estúpido —
Às vezes, quase o bobo.

Envelheço... envelheço...
Devo usar a bainha de minhas calças ao avesso.

Parto o cabelo ao meio? Me atrevo morder uma fruta?
Andarei na areia em calças de flanela bruta.
Escutei o canto das sereias, em disputa.

Não creio que cantarão pra mim.

Eu as vi montadas em ondas rumo ao mar
Penteando as cãs do lombo côncavo das vagas
Quando o vento ondula as negriclaras águas.

Demoramo-nos nas câmaras do mar,
Junto às ninfas com escuras e rubras algas
Até acordarmos com vozes humanas e nos afogarmos.